



INTRODUÇÃO

Jonathan Edwards nasceu em 5 de outubro de 1703, em Connecticut, na cidade hoje conhecida como South Windsor, uma parte da paróquia Windsor Farmes. Seu pai, o reverendo Timothy Edwards, ministro da paróquia, formado em Harvard, era considerado um homem de habilidade superior e de boas maneiras, um amante do aprendizado e da religião. Além de seus deveres pastorais, preparava jovens para a faculdade, e com sua visão liberal sobre educação, fez suas filhas seguirem o mesmo estudo que esses jovens. Dizem que sua mãe, filha do reverendo Solomon Stoddard, ministro de Northampton, herdou o caráter do pai. Ela tinha uma mente brilhante e por isso se destacava mais que seu marido em raciocínio. No que diz respeito à ascendência mais remota e às suas qualidades intelectuais e morais, Edwards tinha boas referências, exceto por sua avó paterna, que era um pouco excêntrica, e, possivelmente, a conduta ultrajante levou-a ao divórcio¹.

Criado como o único filho em uma família de dez filhas, além de todas as influências perturbadoras, em uma atmosfera de religião e de estudos sérios no lar, em meio a um ambiente natural de prados,

¹ Veja J. A. Stoughton, *Windsor Farmes*, p. 39 e p. 69 n. Os estudiosos da hereditariedade talvez aqui encontrem uma influência sobre o caráter do brilhante e rebelde neto de Edwards, Aaron Burr. (N.O.)

bosques e colinas distantes e baixas, que propiciam uma vida de contemplação, este cenário despertou logo cedo o interesse do menino pela absorção das coisas espirituais e a perspicácia intelectual, que são as características mais marcantes de sua personalidade. Quando criança, passou grande parte de seu tempo em atividades religiosas e conversando com outros meninos sobre esse assunto. Ele se uniu a alguns deles para construir um local secreto para orações em um ponto afastado, no pântano. Edwards tinha muitos outros lugares semelhantes no meio da floresta para orar, para onde costumava se retirar. Sua mente também se concentrava intensamente nas doutrinas que lhe eram ensinamentos, especialmente nas relacionadas à soberania de Deus na eleição, tema que o fazia se rebelar violentamente naquela época. Quando tinha apenas 10 anos, escreveu um pequeno tratado, singular e bem-humorado sobre a imortalidade da alma. Por volta dos 12 anos, redigiu um artigo notavelmente preciso e engenhoso sobre os hábitos da aranha voadora.

Ingressou na Collegiate School of Connecticut, em Saybrook College, mais tarde Yale College, aos 13 anos e, em 1720, pouco antes de seu décimo sétimo aniversário, formou-se em New Haven como o orador oficial. Em seu segundo ano, conheceu o *Ensaio acerca do Entendimento Humano*, de Locke, um trabalho que deixou uma impressão permanente em seu pensamento. Leu tal obra, diz ele, com um prazer muito maior “do que o avaro mais ganancioso encontra ao reunir punhados de prata e ouro de algum tesouro recém-descoberto”. Sob a influência de Locke, iniciou uma série de *Notas sobre a Mente*, um tratado abrangente sobre filosofia mental. Também começou, possivelmente um pouco mais tarde, uma série de *Notas sobre Ciências Naturais*, com referência a um trabalho semelhante sobre filosofia natural. É nesses primeiros escritos que encontramos os esboços de uma teoria idealista que se assemelha à de Berkeley, mas provavelmente nem sequer se originou nela, e que parece ter permanecido um fator determinante em suas especulações até o final².

2 Veja H. N. Gardiner, *The Early Idealism of Edwards*, em Jonathan Edwards: a Retrospect, p. 115-160: Boston, 1901. Cf. J. H. MacCracken, *The Sources of Jonathan Edwards's Idealism*, *Philos. Rev.*, xi. 26 ss. (Janeiro de 1902). (N.O.)

Depois de se formar, continuou em New Haven, por mais dois anos estudando para o ministério. De agosto de 1722 a abril do ano seguinte, ocupou o púlpito de uma pequena congregação presbiteriana em Nova Iorque, mas recusou o convite para permanecer como ministro. Depois de retornar à casa de seu pai em Windsor recebeu pelo menos dois outros chamados, um dos quais parece ter aceitado³. Em setembro de 1723, regressou para New Haven para pegar seu diploma de mestrado, foi nomeado tutor na faculdade, iniciando as atividades efetivas desse cargo em junho de 1724 e ficou na mesma função até setembro de 1726, quando renunciou à sua tutoria para se tornar pastor assistente de seu avô Stoddard na igreja de Northampton.

A história espiritual de Edwards nesses anos de crescimento, da juventude à idade adulta, é registrada de próprio punho em uma narrativa de experiências pessoais escritas posteriormente para seu próprio uso, em fragmentos de um diário e em uma série de resoluções que esboçou para a conduta de sua própria vida. Esses documentos, publicados pela primeira vez por seu biógrafo e descendente, Sereno E. Dwight, em 1829, lançam uma luz sobre o caráter e o temperamento de Edwards e servem para esclarecer muitas coisas em sua vida que, de outra forma, seriam obscuras. Ele nos conta em sua narrativa como o prazer infantil nos exercícios de religião antes referidos diminuiu gradualmente; por quanto tempo “ele se voltou como um cachorro para o vômito e seguiu os caminhos do pecado”; então como, depois de muito conflito interno experimentou no final de seu curso universitário uma genuína conversão, decretando uma nova vida e, com o tempo, um profundo e agradável senso da soberania de Deus, da excelência de Cristo e da beleza da santidade. Existe possivelmente algum exagero por parte de Edwards na descrição desse lapso e dessa recuperação, mas foi ao menos uma experiência muito real para ele, e sem dúvida contribuiu para reforçar sobre sua conversão e que posteriormente ele comentava

³ Isso é, para a igreja em Bolton, Connecticut. Mas, por alguma razão, agora não evidente, ele nunca foi instituído lá. Veja S. Simpson, *Jonathan Edwards – a Historical Review*, Hartford Seminary Record. xiv. 11, novembro de 1903. (N.O.)

durante suas pregações. Seu próprio estado após essa mudança decisiva era, por vezes, um êxtase místico, “uma calma e doce abstração da alma de todas as preocupações deste mundo; e às vezes um tipo de visão, ou ideias fixas e imaginações, de estar sozinho nas montanhas ou em algum deserto solitário, longe de toda a humanidade, conversando docemente com Cristo e envolvido e absorvido em Deus”. Seu diário é o registro de uma alma que se esforça em seu voo. Ele observa as flutuações de seu humor com uma intensidade quase mórbida, no entanto, de maneira não meramente convencional com singular ausência de sentimentalismo, suas observações, tão evidentemente sinceras, são, em certo sentido, objetivas. Das setenta Resoluções, todas escritas antes dos 20 anos, pode-se tomar o exemplo a seguir; trata-se da linguagem de uma mente tão verdadeiramente original quanto religiosa, e é eminentemente característica: “Na suposição de que nunca houve um único indivíduo no mundo, em qualquer época, que fosse apropriadamente um cristão completo, em todos os aspectos com o selo do que é correto, tendo o cristianismo sempre reluzindo em seu verdadeiro brilho e aparentando ser excelente e adorável, de todas as formas e em qualquer aspecto visível, *Resolvo*: agir exatamente como eu faria, se lutasse com todas as minhas forças para ser essa pessoa que deveria viver no meu tempo”. E ele agiu assim, essas resoluções não eram vazias, elas realmente determinaram sua vida.

Edwards foi ordenado em Northampton, em 15 de fevereiro de 1727, aos 24 anos. Cinco meses depois, em 28 de julho, casou-se com a linda Sarah Pierrepont, então com 17 anos, filha do reverendo James Pierrepont, de New Haven, um dos fundadores e um destacado administrador do Yale College, e, por parte de mãe, bisneta de Thomas Hooker, “o pai das igrejas de Connecticut”. A descrição de Edwards sobre ela, escrita quatro anos antes do casamento, é famosa⁴. A união provou ser

4 Impresso pela primeira vez por Dwight, *Life of President Edwards*, p. 114, e frequentemente reproduzido. Foi comparado à descrição de Beatriz por Dante, que em pura qualidade lírica certamente é igual, embora não tenha a coloração sensual e a idealização imaginativa deste último. A comparação é feita por A. V. G. Allen, “The Place of Edwards in History”. in: *Jonathan Edwards: a Retrospect*, p. 7; o contraste é apontado por John De Witt, Stockbridge (1903), *Oration*, p. 45 (publicação da Conferência de Berkshire). (N.O.)

singularmente feliz: a inteligência, a alegria, a piedade e a sagacidade prática da sra. Edwards combinadas tornaram-na ao mesmo tempo uma companheira agradável e uma ajudante muito útil para seu zelosamente devoto, altamente intelectual, mas muitas vezes melancólico marido, imerso em seus escritos e livros. Tiveram doze filhos, todos nascidos em Northampton. O sr. Stoddard morreu em 11 de fevereiro de 1729, deixando o jovem ministro com a responsabilidade pastoral completa. Era um empreendimento de responsabilidade para um rapaz tão jovem guiar os assuntos de uma igreja que tinha a reputação de ser a maior e mais rica da colônia fora de Boston, na qual também o venerável e prezado Stoddard havia estampado a impressão de sua forte personalidade durante um ministério de quase sessenta anos. Edwards, como mais tarde confessa, cometeu erros. No entanto, conseguiu conquistar e manter a confiança, a admiração e a afeição do povo a maior parte dos vinte e três anos de seu ministério em Northampton. Ele conduziu a igreja por dois grandes períodos de avivamento (1734-1735, 1740-1742) e acrescentou mais de quinhentos e cinquenta nomes aos seus membros⁵. Isso, no entanto, representa apenas uma pequena parte de sua influência nesses anos. Tanto por sua pregação em Northampton e em outros lugares quanto por seus escritos publicados, notadamente seus sermões impressos e suas obras sobre os avivamentos, nos quais deve ser incluído seu tratado *As Afeições Religiosas*, ele influenciou poderosamente as correntes do pensamento e da vida religiosa na Nova Inglaterra e nas colônias vizinhas e, até certo ponto, também na Inglaterra e Escócia. Sua missão era trazer de volta as igrejas puritanas, que durante cerca de setenta anos haviam definhado em um período de declínio, aos antigos altos padrões puritanos de credo e de conduta e infundir nelas um novo espírito de piedade vital. Nisso, teve grande sucesso; e ainda hoje, apesar de grandes afastamentos de seu sistema teológico, ele continua sendo uma força espiritual eficaz nas igrejas que herdaram a tradição puritana.

⁵ Solomon Clark, *Historical Catalogue of the Northampton First Church*, p. 40-67 (Northampton, 1891), reproduz a lista na íntegra. (N.O.)

O afastamento entre Edwards e seu povo começou em 1744, relacionado a um caso disciplinar em que um grande número de jovens pertencentes às principais famílias da cidade estavam sob suspeita de leitura e circulação de livros imorais. Durante a emoção do avivamento, o povo aceitou de bom grado as altas exigências de Edwards. Mas agora, em reação, carne e sangue se rebelaram. Edwards, no entanto, não era o homem capaz de acomodar as reivindicações da religião, como concebia essas reivindicações, às fraquezas da natureza humana. Não seria estranho se, nessas circunstâncias, o povo considerasse seu ministro um tipo de ditador espiritual, exercendo uma espécie de tirania espiritual. Ainda assim, esse sentimento, embora existisse em certa medida, provavelmente não levaria a uma ruptura aberta se, quatro anos depois, por ocasião de uma solicitação de filiação à igreja, a primeira naqueles anos, Edwards não tivesse procurado impor um novo teste de qualificação. Ele exigia, a saber, que o candidato à plena comunhão demonstrasse ser convertido e, como pessoa convertida, fizesse uma profissão pública de piedade. Essa restrição contrariava os princípios e o uso estabelecidos pelo sr. Stoddard, aceitos pela maioria das igrejas vizinhas e até então seguidos pelo próprio Edwards, segundo os quais não apenas as pessoas poderiam ser admitidas como membros da igreja nos termos da “Aliança do Meio Caminho”, mas poderiam vir à Ceia do Senhor, se assim desejassem, mesmo sem a garantia da conversão, com a esperança de que o rito pudesse ser uma ordenança de conversão. Edwards agora estava abertamente empenhado em tentar impor as novas normas sobre os irmãos, e a indignação foi enorme. Ele, por sua vez, mostrava-se convencido da correção de sua posição e estava preparado para mantê-la a todo custo. A infeliz controvérsia durou dois anos: Edwards era digno, cortês e disposto a ser conciliatório, mas insistia no reconhecimento de suas atribuições e mostrava toda sua grande superioridade moral e intelectual; o povo preconceituoso, obstinado, recusou-se a considerar suas opiniões ou a permitir que ele as expusesse no púlpito, empenhando-se

apenas em se livrar dele. Finalmente, em 22 de junho de 1750, o Conselho se reuniu para falar sobre o assunto e recomendou, por uma votação de dez a nove com a minoria que protestava, que as relações pastorais fossem dissolvidas. O sentimento convergente da igreja foi expresso pelo resultado esmagador de cerca de duzentos votos a vinte dos membros do sexo masculino. No domingo seguinte, um solitário Edwards pregou seu Sermão de Despedida⁶.

Edwards tinha agora 46 anos de idade, incapaz, como ele diz, para qualquer outro negócio que não fosse estudar e com uma “família numerosa e custosa” para enfrentar o mundo. A longa controvérsia e as circunstâncias da demissão tiveram um efeito avassalador sobre ele, e as perspectivas lhe pareciam sombrias ao extremo. Mas sua confiança estava em Deus, e os amigos não falharam. Da Escócia, veio a oferta de assistência por meio de uma contratação. Seus adeptos de Northampton desejavam que ele permanecesse e formasse uma igreja separada na cidade. No início de dezembro, recebeu um telefonema da pequena igreja de Stockbridge, na fronteira, e na mesma época um convite dos Comissários de Boston da Sociedade de Londres para Propagação do Evangelho na Nova Inglaterra e em Terras Adjacentes para se tornar missionário dos índios, que na época constituíam grande parte do assentamento de Stockbridge. Depois de se familiarizar com as condições do trabalho, ao residir vários meses em Stockbridge, e após de receber garantias satisfatórias, em uma entrevista pessoal com o governador

⁶ É impossível aqui entrar na história dessa famosa controvérsia. Algo a respeito será encontrado nas notas, p.172ss.; Dwight, op. cit., p. 298-448, reproduz os documentos dos diários de Edwards na íntegra; os registros da igreja são omissos. Deveria ser afirmado, talvez, para ser justo com o povo de Northampton, que a relação pastoral não era então, como às vezes se supõe, considerada indissolúvel; seis clérigos das igrejas vizinhas foram “demitidos” entre 1721 e 1755. Além disso, Edwards, indubitavelmente eminente enquanto pregador, era para eles apenas o ministro da paróquia; sua grande fama como teólogo foi estabelecida mais tarde. Cf. Trumbull, *History of Northampton*, vol. II, p. 225. Também não é irracional supor que as capacidades espirituais das pessoas tenham sido estimuladas em excesso. O arrependimento posterior de Joseph Hawley (veja Dwight, op. cit., p. 421), primo de Edwards, que havia se destacado no movimento contra ele, diz respeito apenas ao espírito da oposição; não questiona seriamente a sabedoria, nas circunstâncias, da separação. (N.O.)

relacionada à condução da missão indígena, ele aceitou as duas propostas. Mal tinha feito isso quando recebeu um chamado, com a promessa de apoio generoso, de uma igreja na Virgínia.

A oposição que o expulsara de Northampton o seguiu até Stockbridge. Durante vários anos, um esforço persistente foi feito para impedi-lo de trabalhar, particularmente com os índios e até mesmo para garantir que fosse tirado de lá. Mas ele foi bem-sucedido ao enfrentar a oposição, conquistando a confiança dos índios e sendo bem visto pelos “ingleses”. Nessa ocasião, também, em uma área inóspita, encontrou tempo e oportunidade para escrever aqueles grandes tratados sobre a *Liberdade da Vontade*, *O Fim Para o Qual Deus Criou o Mundo*, *A Natureza da Verdadeira Virtude e a Doutrina Cristã do Pecado Original*, que são os principais fundamentos de sua reputação teológica.

Enquanto isso, um evento ocorreu na família de Edwards e estava destinado a ter consequências importantes: o casamento de sua filha Esther com o reverendo Aaron Burr, presidente da Nassau Hall, em Princeton⁷. Em setembro de 1757, o senhor Burr morreu; dois dias depois, a Corporação nomeou Edwards como seu sucessor. Por vários motivos, Edwards ficou relutante em aceitar a nomeação, desconfiava de sua condição física e receava especialmente que os deveres do cargo interrompessem seriamente a obra literária em que estava agora absorto. No entanto, por recomendação de um Conselho convocado por seu desejo de aconselhar sobre o assunto, aceitou o convite. Ele deixou Stockbridge em janeiro e, no fim do mês, chegou a Princeton. Porém, a única atividade como presidente da faculdade foi pregar por cinco ou seis domingos e apresentar temas sobre divindade à turma de veteranos, com os quais depois discutiu sobre tais temas. A varíola era epidêmica na cidade quando ele chegou e, como medida de precaução, foi vacinado. A doença, leve no início, se agravou e, em 22 de março de 1758, Edwards

⁷ Aaron Burr, vice-presidente dos Estados Unidos, que matou Alexander Hamilton em um duelo, descendia deles. (N.O.)

faleceu. De seu leito de morte, enviou esta mensagem terna e carinhosa para sua esposa que ainda estava em Stockbridge: “Dê meu mais gentil amor à minha querida esposa e diga a ela que a união incomum, que há tanto tempo subsiste entre nós, tem uma natureza tal que, confio, é espiritual e, portanto, continuará para sempre”. Suas últimas palavras, também características, foram: “Confie em Deus e não temerá”.

Um homem alto e magro, com testa elevada e larga, olhos claros e penetrantes, nariz proeminente, lábios finos e firmes e queixo bastante fraco, toda a sua aparência sugerindo a perspicácia do intelecto e integridade, o refinamento e a benevolência do caráter de quem possui pouca energia física, pouco adequado para assuntos práticos, mas intensamente vivo no espírito, absorvido na contemplação de coisas invisíveis e eternas. As duas qualidades, de fato, pelas quais ele mais se destaca são: espiritualidade e intelectualidade. A mente espiritual era o núcleo e a essência de seu ser. A religião era seu elemento. Deus era para ele a Realidade absoluta, somente Sua vontade e Seus pensamentos constituíam a verdade e o significado das coisas. Isso não era para Edwards uma mera especulação filosófica, era a região elevada em que respirava vitalmente, a terra sólida sobre a qual andava. Ele andou com Deus. Foi chamado de “Santo da Nova Inglaterra”. Como outros santos, ele também tem, ocasionalmente, seus êxtases⁸.

A essa espiritualidade, com sua rica coloração emocional, unia-se uma capacidade e uma sutileza do intelecto que apenas os maiores mestres possuem. O mundo espiritual no qual Edwards se moveu não era para ele um mero reino sombrio de sentimentos piedosos ou de aspiração vaga, mas um mundo cujos principais contornos, no mínimo, foram nitidamente definidos pelo pensamento. Ele o concebeu, a saber, de acordo com o esquema das coisas sistematizadas por Calvino,

⁸ Veja, por exemplo, o incidente registrado por Dwight, op. cit., p. 133, no qual o arrebatamento dura cerca de uma hora, acompanhado a maior parte do tempo “por lágrimas e choro em voz alta”. (N.O.)